

# As Sete Dinâmicas de Consciência

## Ritos de Passagem

Boa noite a todos. Obrigada pela presença de todos e de tantos. Espero corresponder, pelo menos em parte à expectativa sobre mim colocada.

O tema sobre o qual vou falar talvez seja inédito e representa um pouco do que muito aprendi com minha família, meus pais e irmã; com o que descobri com meus filhos e depois com meus netos; com os meus longos anos de trabalho, com meus clientes, tão sofridos; com minhas buscas pelos mitos, meu fascínio; nos meus incontáveis dias com meus grupos de estudos que sempre me povoaram com novas ideias, novos desafios; com meus amigos, são muito poucos, mas tão profundos; aprendi muito com os erros que cometi, com minhas omissões, com meus desatinos.

A todos e a tudo sou grata! Sinto que sou fruto do que vivi, do que sonhei, com o que me deslumbrei. Consegui **ser** e, há muito tempo, pouco **sei**!

### AS SETE DINÂMICAS DE CONSCIÊNCIA, RITOS DE PASSAGEM

O que me levou a pensar em 7 dinâmicas de consciência foi o texto de Santa Teresa D'Ávila "As Moradas do Castelo" no qual ela detalha as etapas do desenvolvimento de seu processo reflexivo acerca das vivências sombrias que a povoaram, quando de sua vivência em busca de se saber, das tentações pelas quais passou até sentir que se encaminhava para a certeza de estar se descobrindo numa condição de casamento ou de entrega imparcial, de *coniunctio* com Deus e fundamentalmente que esse processo de busca implicava o conseguimento do autoconhecimento. E mais, que o processo se realizava em sete etapas.

A condição do autoconhecimento, relatado por Teresa D'Ávila, a par de conferir aos que o conseguem a inteireza da hominização, ou seja, a condição de se

tornarem mais e mais humanos, concorre para a consciência de que, quanto mais humanos se fizerem, mais experimentarão a presença de criaturas dissociadas de si-mesmos, as sombras que todos carregam, as mais sombrias, habitantes da psique de cada um, **e que** dificultam mais e mais o processo de individuação!

Esta descoberta foi espetacular pois concorreu para eu compreender um enigma que me acompanhou por décadas!

Entendi que: ao nos tornarmos *Unos com o Self*, nos faremos plenamente humanos e atentei para a compreensão do grande paradoxo a mim apresentado na minha juventude.

O enigma me foi proposto por uma doutora em Filosofia e Teologia, em aulas de religião, quando dos meus primeiros tempos da Faculdade de Medicina, quando me questionou com a pergunta.

### **Que você entende por Liberdade?**

2

**Na época não consegui qualquer resposta satisfatória, talvez o direito de ir e vir, etc....**

E, então a freira, me olhou com carinho e disse:

***“liberdade é escolher Deus”***

Nunca mais voltei às aulas, pois a resposta me pareceu absurda! Como liberdade é escolher Deus? Foram anos de vida, de análise para, finalmente, 30 ou 40 anos depois eu concluir que a freira tinha razão!

**Liberdade é escolher Deus, ou caminhar para o *Self*,  
ou buscar a *coniunctio com o si mesmo*.**

De outra parte, há muito tempo, havia me ocorrido a ideia de que a chamada dinâmica de Alteridade, proposta por Byington, e que eu passei, na época a chamá-la de dinâmica do Coração, tinha correlação com o quarto chacra. Pensei também

que a dinâmica patriarcal tinha correlação com o terceiro chakra, ou Solar. Inferi que a dinâmica Matriarcal deveria ter correlação com o segundo chakra.

### **Mas, e o primeiro chakra?**

Foi então que o insight ocorreu, quando do texto de Teresa d'Ávila sobre os sete patamares para o conseguimento do autoconhecimento, e que traduzia um processo de transformação demandado pela própria natureza, e que tinha sintonia profunda com a proposição de Jung, denominado “processo de individuação”.

Conclui então que a primeira dinâmica tinha correlação com o tempo gestacional e passei a chamá-la de dinâmica Urobórica.

E, assim, surgiu a ideia de sete dinâmicas de consciência, depois de eu ter sido questionada por Ana Luisa se, no meu entender, haveria mais do que quatro dinâmicas de consciência. Na época respondi que sim, mas não sabia quais seriam!

3

### **As Sete Dinâmicas da Consciência**

- **Urobórica**, sob a regência do arquétipo da *Natureza Divina*;
- **do Feminino ou da Grande Mãe**, sob a regência do arquétipo da *Deusa Mãe*;
- **do Masculino ou do Pai**, sob a regência do arquétipo do *Deus Pai*;
- **do Encontro**, sob a regência do arquétipo da *Coniunctio*;
- **da Comunicação**, sob a regência do arquétipo do *Verbo Encarnado*;
- **da Vidência ou Antevisão do Futuro**, sob a regência do arquétipo da *Profecia*;
- **da Compreensão Universal**, sob a regência do arquétipo da *Totalidade*.

## RITOS DE PASSAGEM

### As Sete Dinâmicas de Consciência

#### Desafios a serem confrontados!

A conquista do processo de individuação e o alcançar o autoconhecimento, como decorrência da *coniunctio* com o *Self*, implica saber-se Uno com Ele, e será conseguido após a superação dos desafios dessas várias dinâmicas, vividos nos vários ritos de passagem.

Os desafios a serem superados referem-se às ofensas ou crimes cometidos segundo os referenciais respectivos dessas dinâmicas e de como nos conduzirmos diante deles.

Muitos são os ritos de passagem, conjugados às diferentes dinâmicas de consciência, em função dos quais nos forjamos, marcando momentos de superação-transgressões às nossas interdições, com o que atualizamos novos tempos de vida, novas dinâmicas de consciência, decorrentes de demandas intrínsecas da natureza.

Para o novo tempo de Vida acontecer haveremos de “morrer” simbolicamente. Como consequência da superação desses momentos heroicos, adquirimos e incorporamos conhecimentos que até então não tínhamos competência para exercê-los, mas para os quais tínhamos demandas por atualizá-los. Ao mesmo tempo, desejos desconhecidos entram em cena mobilizando novos comportamentos, em função dos quais ultrapassamos os obstáculos.

Importante lembrar que toda e qualquer vivência de abandono, de bullying ou tudo quanto configure abuso físico e/ou psíquico permeando, principalmente, as dinâmicas primordiais de consciência, pertinentes aos respectivos ritos de passagem, **aceleram** a emergência por alcançar as dinâmicas de consciência subsequentes.

Entretanto, a urgência por se assumir essas novas responsabilidades, que se apresentam, por imposição e nunca por escolha ou deliberação, não se consumam por completo pois não há como a estruturação suficiente da psique se fazer para suportar os desafios emergentes.

Assim se dando, o indivíduo segue como que eternamente sobrecarregado, onerado por encargos que considera estafantes e, aparentemente sem um motivo plausível ou, num momento outro qualquer, quadros expressos por patologias físicas e/ou psíquicas emergem e regressões expressivas se apresentam, reconfigurando momentos passados em que os ritos de passagem posteriores foram ativados precocemente.

A demanda para o relacionamento sendo inerência da natureza, realidade primordial, arquetípica, está presente em todo ser humano, independentemente da deliberação consciente de caráter reflexivo.

Desde a mais tenra idade, a criança precisa da presença e da interação com as figuras continentais.

A demanda por relacionar-se é integrante da natureza das criaturas, e tem a especificidade para transformar as criaturas em seres humanos.

Se a demanda não se atualizar, a criatura não se faz humana por completo, tornando-se, ao longo da vida, alguém com conflitos em todas as relações por conta de suas **carências de humanização**.

E, ao longo da vida irá experimentar incontáveis padrões de relacionamentos que agregarão novos referenciais às vivências humanizantes, como condições saudáveis ou patológicas, em decorrência dos traumas vividos nas fases mais primeiras da vida.

## O Campo Interacional Das Vivências Humanizantes

Até há algumas décadas e, mesmo hoje, nas pequenas cidades, as pessoas da mesma família, representadas por mãe, pai, avós, tios, primos e agregados, como vizinhos, compunham um campo interacional de vivências, que chamo humanizantes, no interior do qual a criança crescia acolhida como membro da “grande família”.

As crianças encontravam, desde a mais tenra idade, um campo interacional de vivências humanizantes, composto por muitos rostos de crianças, adolescentes, adultos, idosos. A criança nunca era filho único, mas sempre tinha muitos avós, tias e tios, primos etc.

Mas, as “vilas” onde cresciam configuravam, a par de vivência humanizantes, algumas vezes também de **abusos**.

Assim, esse campo interacional, como toda e qualquer realidade humana, podia ser depósito das mais terríveis perversões, como são os relatos que encontramos em nossos consultórios.

Ao longo dos anos e décadas esse campo interacional foi se fragmentando. À medida que as cidades cresciam e se tornavam verticais, os núcleos familiares foram se reduzindo, chegando ao ponto de não mais sabermos sequer o nome de nossos vizinhos de porta.

O campo interacional de vivências humanizantes foram se empobrecendo e, sincronicamente, quer me parecer, os quadros de transtorno de pânico, ansiedade, vida sem sentido, aumentaram significativamente!

Assim, podemos inferir, sobre a existência de vivências inter-relacionais profundamente negativas, estabelecidas entre as crianças e o campo no qual estiveram inseridas, por conta dessa realidade se fazer cada vez mais restrita, mas, mais que tudo, os campos se tornaram empobrecidos de energia continente.

As crianças, precocemente cuidadas por figuras substitutas que, muitas vezes, forjam feridas que não cicatrizam e dificilmente serão reparadas ao longo da vida ou mesmo de processos de análise.

Quando a criança se sente apartada da relação (abandonada aos cuidados de outros), pode ser invadida por uma emoção atroz de medo, talvez porque ainda não se estruturou minimamente como ser humano, ainda não se sabe!

O corpo está formado, mas a condição de como é sentir-se ou saber-se como ser humano ainda não lhe confere segurança para se sentir contida em si mesma, ou seja, sem o risco de desvanecer-se ou perder-se de si mesma.

E esta forja ocorre precocemente. Faltando algo que depende da relação com a mãe/pai e do campo interacional humanizante extremamente empobrecido, a criança, ao se vir apartada do outro que lhe confere humanidade, vive a situação povoada por um medo apavorante.

Quando o pai e/ou a mãe se afastam, a vivência primordial da criança sentir-se contida, envelopada, envolvida pelo continente do “**útero reconfigurado**” redonda numa realidade em que a criança deixa de ser ou de existir, como se perdesse de si mesma.

Ainda não é, ainda não estruturou consciência de si mesma, não se sabe, e o terror de ser abandonada não é propriamente de abandono, mas sim o medo de deixar de ser, ou a condição de se perder da possibilidade do vir a ser.

É meu entender que, pelo fato dos seres chamados humanos nascerem absolutamente imaturos, o colo traduzido pelos “braços maternos” que envolvem o nascituro, por meses e meses, configura um **útero reconfigurado**.

Quer me parecer que o fulcro da grande maioria dos quadros de incertezas, inseguranças, transtornos de pânico, decorre dessas carências de cuidados mais primários que concorrem para o estabelecimento da condição de fazer-se humana.

Os seres se tornam cada vez mais humanos quanto maiores forem as experiências vividas, estruturadas em diferentes padrões de relacionamentos.

Porém, a estruturação de todos os padrões subsequentes estabelecidos com as diferentes situações com as quais os seres se deparam ao longo da vida, somente serão sustentadas se a mais primeira das vivências tiver sido suficientemente continente para estruturar embasamento para que as que ocorrerão a posteriori.

A estruturação da condição de humanizar-se, decorrente dos incontáveis “casamentos” depende de como os primórdios foram estruturados.

Carências decorrentes dessas vivências primordiais possivelmente irão comprometer a estruturação de novos padrões relacionais (“casamentos”) com os irmãos, com colegas, amigos, com os vários parceiros sejam de conjugalidade, de trabalho, de sociedades etc.

Assim, se a criatura não tiver uma saudável estruturação de primeira infância dificilmente vai casar-se com um homem, ou com uma mulher, mas, provavelmente, irá se casar com um “pai” ou uma “mãe”.

Por outro lado, conhecemos relatos sobre criaturas que sob vivências de grande sofrimento causadas por graves morbidades, criaturas essas que, parecem, vieram para pouco tempo estar conosco, transcendem os ritos de passagem naturais, e atualizam competências pertinentes a dinâmicas de consciência inauditas.

Essas vivências, plenas de antevisão de futuro, concorrem para que essas criaturas alcancem competências com a plenitude de alguém incorporado pela presença da divindade.

### **Ritos de Passagem e Dinâmicas de Consciência**

Os ritos de passagem fundamentais são sete, como são as dinâmicas de consciência. Todos os ritos têm um caráter dramático, povoados sempre pelas vivências

de vida, morte e renascimento e expressam a condição de que sem o morrer não há como o nascer para a totalidade plena.

Os ritos são precedidos pela morte e sucedidos pelo novo tempo de Vida; para realizá-lo haverá perdas e enfrentamentos dos desafios; para cada rito vivido, novos padrões de consciência se atualizam; implicam sair da singularidade e viver novos padrões relacionais.

O rito requer abdicar da conformidade de uma dinâmica de consciência, optar pelo desafio de um novo rito de passagem e partir para a aquisição de outro padrão de consciência, sem que os anteriores padrões deixem de estar presentes em todos os seres humanos.

Todo rito demanda responsabilidade pelas mudanças conquistadas; Sempre podem anunciar a antevisão de um futuro diferente do provável;

O **primeiro** rito de passagem, retrata a primeira dinâmica de consciência, ocorre quando da concepção da nova vida. Configura a primeira vivência de morte e renascimento

9

Eis que um espermatozoide e um óvulo se congregam e se fundem. Ambos abdicam da *individualidade* para que a vida aconteça.

Simbolicamente, ambos morrem para forjarem um ovo ou zigoto, ou seja, o protótipo do novo ser. Morte é necessária para fazer Vida.

A *coniunctio* de dois origina o Uno.

Ao se fundirem a grandiosidade do desconhecido se apresenta; uma sabedoria inaudita acontece quando o um e o outro abdicam da própria identidade para se tornarem o uno e somente assim a sabedoria da Natureza se atualiza.

E, ao se fazerem uno, se dividem em dois, depois em quatro, oito, dezesseis e assim sucessivamente até que parte desta mórula, ou seja, parte deste agregado de células, supostamente idênticas, uma vez que decorrem de uma única célula

primordial, -instância essa cuja regência desconhecemos- “determina” que parte dessa mórula formará o saco amniótico, dentro do qual o futuro embrião se desenvolverá, e se forjará a placenta para alimentar o futuro ser em gestação.

As demais células se compõem imageticamente como um corpo *urobórico*, com o que, cada grupamento celular, de per si, dará origem aos incontáveis componentes do futuro ser humano. Boca e ânus se separam, a uroboros se abre, se alonga, a protuberância da cabeça emerge, a coluna se forja, os apêndices, braços e pernas, despontam e todos os órgãos acontecem.

Ao final de 10 semanas o embrião estará absolutamente completo e, nas próximas 30 semanas, dando continuidade a esse processo fenomenal, no qual transformações ímpares ocorrem, fazendo a vida acontecer, um novo ser se forja, único como nenhum outro.

Passa a se chamar feto. E, finalmente, após um período total de 38 a 40 semanas estará pronto para nascer, apesar de, diferentemente dos demais mamíferos não primatas, sem autonomia para locomover-se ou buscar alimento.

A dinâmica de consciência que permeia esse tempo de vida denomino-o como **Dinâmica Urobórica** sob a regência da divindade *Natureza*.

A dinâmica Urobórica, inerência da sabedoria intrínseca da natureza do ovo primordial, forja-se como fator determinante e fundante de todas as demais dinâmicas de consciência que se apresentarão a posteriori.

A dinâmica de consciência Urobórica é a matriz das demais dinâmicas. Ela e o corpo que a gesta são *Um Só com o Self*, e rege a forja da totalidade corpo, tanto físico quanto mental/emocional.

O desenvolvimento do cérebro, conforme pesquisas recentes, prepara o futuro nascituro com competência para fazer vínculo, ou apego, com a mãe ou substituta, sem o que a sobrevivência não aconteceria.

O ovo primordial sai da condição concreta e simbólica do *Khaos* grego (fonte de todas as possibilidades) para estruturar-se como um vir-a-ser humano.

A dinâmica Urobórica, pertinente ao período intrauterino, durante o qual o milagre da vida acontece, reflete uma complexidade sublime da natureza, expressa por metamorfoses espetaculares, sob a regência de competências inerentes à célula primordial, fonte de possibilidades não inteligíveis, mas, profundamente inteligente, direcionada para um propósito único: fazer a Vida acontecer!

A dinâmica Urobórica, expressão ímpar do *Self*, prepara o ser em gestação para tornar-se, no futuro, consciente se si mesmo e de sua relação com os demais, fazendo-se humano.

A Uroboros, em sendo uma referência à criação do Universo, representa um tempo em que o embrião estrutura todas as suas competências, como também estrutura sua primeira dinâmica de consciência. Esta dinâmica de consciência confere ao embrião a condição dele “sentir-se” como entidade *Una com o Self*, mas, sem ainda “saber-se”, em sua condição reflexiva, como criatura ímpar.

A consciência Urobórica estrutura-se, pois incorpora-se de atributos decorrentes das transformações embrionárias que forjam dispositivos mnemônicos, com o que o feto passa a saber-se como criatura que experimenta sons, luminosidades, sente.

Estes dispositivos mnemônicos darão competência, ao futuro nascituro, para reconhecer a frequência cardíaca da mãe quando colocado sobre o tórax dela; reconhecer o timbre da voz da mãe e chorar com o mesmo repertório musical da voz materna de tal maneira que a mãe possa reconhecer e saber quando o choro é de fome ou de dor ou de outro desconforto.

Ao assim se fazer, integra em sua natureza a condição de: para tornar-se humano é fundamental ter o outro e, para tanto, é necessário fazer vínculo.

A Dinâmica Urobórica retrata a condição do contido e do continente serem *unos e sua* dependência com o outro, corpo gestante, é total, sem o que a Vida não se consuma. O ser nasce porque alguém o gestou, suportou, fez a Vida acontecer.

Todo o desenvolvimento do ser humano e de suas dinâmicas de consciência implicam a reflexão do quanto cada um de nós precisa do outro para ser, sem o que a Vida não se faz. O ser em gestação “sabe-se” acolhido sem o que nunca desenvolveria competência para acolher o outro em si mesmo, meta do processo de individuação.

A Dinâmica Urobórica pede que o acolhimento aconteça para que o corpo gestante aceite o diferente em si, constatando ser ele, corpo gestante, o receptáculo da sacralidade da existência.

Quando o corpo gestante não acolhe o gestado, concorre para o rompimento da unidade original, com o que não haverá possibilidade de manutenção do processo que compõe a Vida do novo ser em gestação.

A dinâmica Urobórica certamente se faz sob a regência de uma condição arquetípica, que proponho seja creditada ao arquétipo da **Natureza divina**, realidade primordial portadora de todas as competências, frutificadoras da Vida e da Morte.

O crime, ofensa, injúria, quando cometido sob a vigência da Dinâmica Urobórica pede que o **Acolhimento** aconteça para que o corpo gestante aceite o diferente em si, constatando ser ele, corpo gestante, o receptáculo da sacralidade da Existência, sem o que a Vida corre perigo.

Quando o corpo gestante não acolhe o gestado, concorre para o rompimento da unidade original, sem o que não haverá possibilidade de manutenção do processo que compõe o novo Ser.

*A primeira dinâmica de consciência bem como  
o primeiro rito de passagem traduzem-se e  
ocupam-se com a origem e a manutenção da Vida!*

Estando o feto pronto, apto para seu próximo desafio, haverá de submeter-se, simbólica e literalmente, ao seu **segundo** rito de passagem e como tal por nova vivência de morte.

Atravessar o conduto vaginal, e após dar nascimento à cabeça, a escápula se contorce, o tórax passa a ser “massageado para acordar os pulmões”, os batimentos cardíacos se aceleram, emerge o abdômen...

O segundo rito de passagem acontece como o nascer para a luz.

Até há algumas décadas atrás, o nascimento ocorria mais natural e necessariamente por via baixa, com o que o feto precisava atravessar o estreito canal vaginal, por onde coubesse sua cabeça e para que a escápula atravessasse esse conduto, necessitava de malabarismos intensos, seguidos por um tórax com suas costelas que também se retorciam e se massageavam, e assim os pulmões serem ativados, cumprindo sua função de sobrevivência, qual seja, respirar.

Após o segundo rito de passagem a criaturinha **vive** o colo protetor sob a tutela da segunda dinâmica de consciência que denomino como do Feminino ou da Deusa Mãe, amplamente estudada pela Psicologia Analítica sob a denominação de Matriarcal.

O nascituro se desenvolve natural e simbolicamente no colo da mãe/pai, e alimentado, aconchegado, acarinhado, atualiza a linguagem, bem como competência para andar sobre somente duas patas, liberando as mãos que com seus movimentos

concorrerão para múltiplos estímulos cerebrais acontecerem, continuamente se vendo refletido nos olhos e faces de suas figuras protetoras.

A dinâmica de consciência presente é a do Feminino ou da Grande Mãe, sob a regência do arquétipo da *Deusa Mãe*.

A vivência do colo protetor traduz a concomitância do complemento do tempo gestacional intrauterino com os primeiros ritos do processo de hominização.

O nascituro, por conta da postura bípede das humanas (que tiveram tanto a largura do quadril como do túnel por onde se forma o conduto vaginal diminuídos, bem como das transformações ativadas, decorrentes do processo de deambulação e da postura ereta) nasce imaturo para a própria sobrevivência.

Assim, suponho, os primeiros anos de vida extrauterina configuram o que há de **mais fundamental** para a estruturação de uma criatura saudavelmente humana.

**Nesses primeiros tempos de vida o útero se reinventa nos braços que envolvem o recém-nato**, a par da placenta se fazer representada simbolicamente pelo seio que alimenta, mobilizando as demandas mais primordiais de sobrevivência.

O nascituro é instado a acolher o seio e o movimento oral de sugar atualiza-se de imediato.

A par dessa condição, tanto no sentido fisiológico quanto psicológico, a interação dos olhares, decorrentes das faces recíprocas que se encontram - mãe (ou substituta) e criança-, constroem-se os primeiros estágios da relação vinculante que gera humanização, forja evidente e decorrente da certeza de estar sendo cuidado com *diké* e *aidós*, ou seja com justiça e adequação e recebendo do cuidador(a) o que ele(a) tem de melhor, com o que a emergência do vínculo concreto se faz.

Esses cuidados são fundamentais para a forja da inerência humanizante da criatura, ou seja, nascemos como criaturas e estruturamos nossa condição **humana**

na interação decorrente dos cuidados **do útero reinventado** pelas mãos/colo da mãe/pai/cuidadores!

O útero reinventado, bem como todos os cuidados desse tempo de dinâmica da Grande Mãe, configuram estrutura de limite **físico-emocional** entre as figuras continentas e a criança, e vive um continente limitante de caráter físico e que tem a finalidade protetora para a integridade física e emocional.

Esta dinâmica retrata a instauração do encontro eu-outro, sem consciência reflexiva, por parte do nascituro, de “quem é o Eu e quem é o Outro”.

Todavia, à medida que os vários Outros se diversificam o Eu se estrutura, a relação deixa de ser de exclusividade, mas sempre na dependência com um Outro.

Na dinâmica da Deusa Mãe, a Vida é sempre soberana.

O limite físico é imposto pelas figuras humanizantes. Na dinâmica seguinte haverá de viver a condição de ter e de submeter-se a um limite **verbal-psíco-emocional** tão imperiosamente necessário para a estruturação saudável da personalidade.

O limite também é imposto, mas é verbalizado e estabelece a assimetria do poder ao qual a criança aprende a se render.

É meu entender que as sete dinâmicas de consciência, presentes desde todo sempre na natureza do ser, podem se atualizar concomitantemente, porém com diferentes padrões e de diferentes intensidades.

A segunda dinâmica denomino-a como do Feminino ou da Deusa Mãe, amplamente estudada pela Psicologia Analítica sob a denominação de Matriarcal, correlacionada ao chakra da sexualidade.

A dinâmica do Feminino, sob a regência da Deusa Mãe, retrata a instauração do encontro eu-outro, sem consciência reflexiva de quem é o Eu e de quem é o Outro, com a finalidade precípua de manutenção da espécie; a descoberta dos

prazeres decorrentes da sexualidade, a par do estabelecimento dos cuidados com o conceito são inerências dessa dinâmica. A medida que os vários outros se diversificam o Eu se estrutura, a relação deixa de ser de exclusividade, mas sempre na interdependência de um Outro. Na dinâmica da Deusa Mãe, a Vida é sempre soberana.

O tempo do colo e dos primeiros tempos de Vida condiz com o caráter da dinâmica de consciência em que predominam os vivências do feminino.

Todavia estruturas de interação masculina, inerentes à natureza, entram em cena, com o que a criança vai sendo “convidada” a atualizar o controle dos esfíncteres, a fazer uso das mãos para segurar a mamadeira por si mesma, ou seja, paulatinamente adquire autonomia para sair do ninho e enfrentar o mundo coletivo.

A criança apreende o sentido das palavras, dos interditos, dos limites físicos, constata a assimetria do poder para os quais precisará exercer-se por atitudes pertinentes à dinâmica do masculino. A par disso, descobre o encanto da brincadeira com outros, especialmente com alguns em que a sintonia prevalece. Perde-se o colo continente, ou melhor, abdica-se dele, vivendo esse momento, simbolicamente, como um morrer.

O crime, ofensa, injúria, quando cometido sob a vigência da Dinâmica Matriarcal pede **Vingança** contra o ofensor ou seus familiares. E, assim se dará, pois, essa dinâmica, sob a vigência das Fúrias, *deusas da vingança do sangue parental derramado*, exigem sempre ser a morte paga com a morte, pois a Vida é soberana.

*O segundo rito de passagem implica a emergência da segunda dinâmica de consciência e traduz e se ocupa com a manutenção da espécie!*

A terceira Dinâmica, denominada do Masculino ou do Deus Pai, denominada Patriarcal, amplamente estudada pela Psicologia Analítica, correlacionada ao terceiro chakra, solar, representa a expressão dos tempos de conquista de território e da submissão dos conquistados.

A discriminação entre o Eu e o Outro se estabelece e os princípios alicerçantes que regem a relação compõem o Código, com discriminação do que pode e do que não pode.

A relação é assimétrica e o exercício do poder se estabelece entre os partícipes, e a Ordem é estabelecida.

Na terceira dinâmica os cânones do Estado de Direito são estabelecidos e a Vida torna-se soberana somente dentro da tribo ou do clã.

E, então o **terceiro** rito de passagem entra em cena, e o medo emerge, muitas vezes de intensidade assustadora. O medo desse tempo decorre, possivelmente, de um padrão de consciência em que os primórdios do processo reflexivo estão se consumando.

Deparar-se com o limite do tempo, com o limite da Vida, do dia, da descoberta literal da Morte, das frustrações, do **não** impeditivo, quando então os desafios das primeiras atividades de caráter reflexivo entram em cena: ler, escrever, tocar um instrumento musical, respeitar limites, cumprir tarefas, obedecer às ordens, configuram realidades assustadoras, necessariamente impositivas, bem como imprescindíveis à estruturação de relacionamentos assimétricos.

O pior de todos os medos, e talvez, neste momento de vida, quando se vive o terceiro rito de passagem e os prenúncios da consciência reflexiva emergem, o medo da solidão, da perda, do ficar sozinho são mais que assustadores.

O medo de estar sozinho, desamparado ou perdido de si mesmo explodem porque a natureza mais profunda nos diz que somente somos quando em relação. A vivência é que fora da relação não somos.

Ao longo da vida todos os seres irão buscar parcerias, casamentos, vínculos, sociedades, relações! Todos se buscam e sentem que se constroem, ou se fazem humanos em função das relações. Sem a relação o ser não é!

É tempo do masculino, da discriminação, da assimetria do poder.

É tempo de sair do ninho familiar, sair do “colo” para entrar, simbolicamente, no reino da regra, da ordem, da norma, do cumprimento das tarefas, no reino do coletivo, das obrigações e dos deveres.

É tempo da dinâmica do Masculino ou do Pai, sob a regência do arquétipo do *Deus Pai*.

Em grande parte da vida as relações são concretas, objetivas.

18

Todavia, as relações tendem a se tornar subjetivas, simbólicas, povoadas pelas memórias de todos os “casamentos” vividos ao longo do caminho e iluminadas pelos casamentos interiores com todos os Outros que são incorporados em função da elaboração das próprias, as mais sombrias, com o que se realiza o maior e o melhor de todos os casamentos, qual seja, consigo mesmo, com o Self, tornando a todos plenamente humanos.

Quando assim se der, as criaturas se tornam o que **são** para deixarem de ser o que **sabem**.

Há anos, como ainda hoje acontece nas pequenas cidades, essa separação da pequena família para o grande coletivo, acontecia nas ruas, com os vizinhos do ‘bem’ e do ‘mal’.

Hoje, acontece cada vez mais precocemente com a ida às escolas pré-primárias, quando a criança é inserida, muito mais cedo, no reino do grande universo coletivo.

No tempo do terceiro rito de passagem, a instituição da terceira dinâmica de consciência confirma que os cânones do Estado de Direito são estabelecidos e a Vida torna-se soberana somente dentro da tribo ou do clã.

O crime, ofensa, injúria, quando cometido sob a vigência da Dinâmica Patriarcal, pede **Justiça** contra o ofensor, a qual será exercida pelo Estado de Direito estabelecido pelos cânones dos Códigos Morais da comunidade.

O crime, ofensa, injúria, quando cometido sob a vigência da Dinâmica Patriarcal, pede **Justiça** contra o ofensor, a qual será exercida pelo Estado de Direito estabelecido pelos cânones dos Códigos Morais da comunidade.

19

O **quarto** rito de passagem se apresenta, mobilizado, desencadeado e atualizado em função das grandes transformações neuroendócrinas. É a adolescência plena com sua quase intimação de se olhar para o outro diferente de si e com ele interagir de forma inédita. O conflito decorrente das demandas imperiosas pelas vivências de sexualidade, concomitante às demandas da coabitação carnal que emergem assustadoramente.

O quarto rito de passagem é o mais desafiador até então vivido!

Demanda que meninos e meninas sejam preparados para se tornarem adultos e, para tanto, enfrentarem desafios aterradores. O herói/heroína, profundamente mobilizado, acontece para todos.

O primeiro estágio se traduz por sair da tutela familiar de pai e mãe; deixar de ser filho/filha. Entretanto, as demandas da emergência de autonomia do

adolescente não coincidem com os pressupostos de aceitação dos pais, os quais, defasados, algumas vezes, por quase duas gerações, entendem que autonomia significa competência para responder por sua própria sobrevivência.

Nos pressupostos de nossa sociedade atual, os adolescentes não são trabalhados para cumprir os ritos de passagem como: suportar a dor, caçar um animal selvagem e enfrentar o medo de dormir no território sagrado dos mortos, tal como os integrantes de povos chamados “selvagens”, que determinam as tarefas a serem cumpridas. Porém, no sentido mítico-simbólico, tanto para o universo masculino como para o feminino a ativação do herói/heroína acontece como demanda da própria natureza

Quer me parecer que em nossa sociedade, no sentido de classe média, a passagem pelos ritos da adolescência para adultícia foram restringidos exclusivamente para os domínios do intelectual, como, por exemplo o de conseguir passar num vestibular.

O tempo da “juventude” aumentou nas classes sociais mais abastadas.

O chamado “jovem”, apesar de ter idade de adulto pleno, mantém-se na casa dos pais, usufruindo das benesses do cotidiano, sem ônus econômico qualquer, disfrutando das acomodações, alimentos, limpeza, roupas lavadas etc., ou seja, tudo absolutamente sem custos econômicos. Disfrutarem de benesses para as quais ainda não têm competência para custear.

Para o universo feminino, com suas heroínas ativadas, o enfrentamento das tarefas que levariam à introspecção e explicitadas de forma magnífica pelo mito de Eros e Psique, estão cada vez mais sendo insuficiente. Tarefas que explicitam com riqueza de detalhes a estruturação de como se forja a natureza mais profunda do feminino na mulher:

- separar as sementes misturadas, ou seja, reconhecer os grãos da própria constituição e adquirir discriminação;

- descobrir como evitar o confronto com a força bruta, incorporando-se de paciência e lucidez para conseguir o resultado almejado;
- confiar que a presença do sagrado se fará para conquistar a água da origem;
- render-se à sabedoria da edificação do processo reflexivo que instrui sobre como entrar e sair do reino da morte.

Assim, ao adentrar simbolicamente o reino da morte deverá atentar para não ser enredada com as demandas de outros com escolhas que não são suas, quais sejam:

- a mão que pede ajuda;
- o burriqueiro coxo,
- as tecedeiras,

com o que, ao retornar, surgirá como mulher adulta, plena de feminino, reconhecendo-se e assim se sabendo, ousando abrir a caixinha do pote da beleza-sedução-envolvência. O mito expressa com sabedoria como é deixar de ser uma menina e transformar-se numa Mulher, realidade essa que enseja a concomitância do nascimento-emergência do Homem adulto, expresso na personagem Eros que surge para arrebatá-la Psique

Há de convir que muitas são as meninas-mulheres ocupadas em se fazerem diante dos meninos-homens como autônomas, independentes, parecem não saberem mais serem criaturas femininas, como se o ser feminino fosse ser dependente, submissa etc.

A natureza do ser feminino, está expresso no mito de Eros e Psique, quando do retorno da juvenzinha do reino de Hades carregando a caixinha com o creme da beleza. Psique, ao assumir sua demanda de querer manter-se bela, característica

próprio de sua natureza, mas que ela abominava por afastá-la das pessoas, principalmente dos homens.

Ao retornar do reino dos mortos, simbolicamente, ao deixar sua meninice, ao transpor o limiar do rito de passagem, constata, descobre que deseja ser Mulher, ou seja, deseja ser feminina, bonita, sensual, necessitada da presença-complementação da figura de um masculino. E, assim, abre a caixinha: ao se tornar uma Mulher viabiliza-se também a possibilidade de Eros se fazer Homem com a plenitude do Masculino. Eros deixa sua dependência com a figura mãe-Afrodite e referencia-se com a expressão maior do masculino-Zeus. Assim incorporado, resgata Psique.

São tempos de concomitância de vivências ambivalentes como: introversão/extroversão; atividade/passividade; aceitar desafios/ evitação; responsabilidade/inconsequência; contestar/submeter-se; e tantas outras ambivalências avolumando os conflitos.

Tanto os meninos quanto as meninas estão submetidos, simbolicamente, à emergência do herói tanto quanto da heroína pois ambos representam lutas que darão abertura para a emergência dos arquétipos de *anima e animus*.

No sentido mítico, nesse momento, entram em cena os mais significativos **mitos de criação** com a emergência das mais profundas questões sobre a realidade de ser humano:

- Quem sou eu?
- Por que estou aqui?
- Qual o propósito de minha existência?
- Qual a minha responsabilidade por tudo quanto acontece comigo?

Estas questões foram formuladas por filósofos de todos os tempos, sendo que a quarta questão somente emergiu com Kant (sec. XVIII), ou seja, qual a minha responsabilidade diante desses acontecimentos?

Há de convir que estas questões, conscientes ou não, implicam o peso atroz da responsabilidade e da culpa por tudo quanto der de errado.

De um lado, o herói tanto quanto a heroína não querem abandonar o espaço da vida, da velocidade, contestações, autonomia, infrações, drogas; de outra parte anima/animus se apresentam com atitudes profundamente *sui generis*, com demandas por estabelecer relacionamentos de companheirismo.

Mas os conflitos decorrentes dessas brigas auto reflexivas primordiais redundam, muitas vezes, em mortes literais.

Dos ritos de passagem, inegavelmente este momento é o mais complexo, pois pede a morte da inocência, a implantação da lucidez da responsabilidade e, fundamentalmente, do encontro com o outro que pensa, sente, age de forma diferente, mas que atrai, fascina, convida para estar junto.

O herói/heroína ativado pede **timé**, pede reconhecimento por seus feitos, mas, ao mesmo tempo, não quer deixar sua intrepidez. Objetivamente, as vivências de morte, expressivas nos ritos de passagem, têm um sentido simbólico. A par disso, na emergência da adultícia o peso da reflexão enlouquece.

O fato da quarta questão ser tão recente na história é um alerta para a constatação de que a consciência da responsabilidade sobre **o que sou e o que faço** ainda ser um fenômeno em fase de elaboração coletiva.

O coletivo, muitas vezes, ainda espera salvadores da pátria; ignora que atribuir ao estado a responsabilidade pela própria sobrevivência é não se tornar adulto, ignora que estamos destruindo o planeta e aceitam que o locupletar-se com o dinheiro do outro é regra.

*As mudanças individuais são mais céleres que as coletivas!*

Histórica e simbolicamente o coletivo vive um rito de passagem da adolescência para a adultícia em que é iminente assumir a responsabilidade por tudo

quanto acontece na própria vida, na família, com os filhos, no trabalho, no país, na Terra...

A quarta Dinâmica traduz o Encontro entre as pessoas e implica o estabelecimento de uma relação de paridade entre o Eu e o Outro, segundo o referencial anímico ou fraterno, e do reconhecimento das diferenças entre os pares, bem como dos mesmos direitos prevalentes para todos. Está correlacionada ao quarto chakra, o cardíaco (Anãhata), [descrita por Byington como de Alteridade e por mim mesma como Dinâmica do Encontro. Na quarta dinâmica instaura-se plenamente o processo reflexivo de consciência, com a discriminação do um e do outro como seres diferentes e com direitos inalienáveis.

### **A Vida é soberana dentro da tribo como fora dela.**

A relação simbólica estabelecida pela quarta dinâmica será sempre de lealdade e fidelidade com o outro. Dessa forma, crime nessa dinâmica configura traição a esse binômio que compõe a relação simétrica entre o um e o outro, diferentes entre si. O crime, ofensa, injúria, quando cometido sob a vigência da Dinâmica do Encontro, pede ao ofensor **Reconhecimento** pela ação praticada e assumir a **Responsabilidade** pelo ato cometido. A condição de reconhecer e confessar a ação, assumindo a responsabilidade pela mesma, reclama por um caráter público. Faz-se realidade como decorrência do diálogo estabelecido entre o réu e o ofendido ou entre o réu e o parente mais próximo da vítima. O reconhecimento público pela responsabilidade do cometimento da injúria contra o ofendido apazigua o psiquismo da vítima e/ou do familiar.

Essa condição de reconhecimento e responsabilidade não exclui o exercício da Justiça pelo foro do Estado. Todavia esse exercício somente deverá se fazer desde que haja anuência entre os pares envolvidos, ou seja, entre vítima e feitor. Há de convir, todavia, que as demandas da vingança estarão sempre presentes na psique, porém nem sempre de forma explícita. Fundamental se faz o estabelecimento da

consciência de ser a demanda de vingança uma realidade primordial arquetípica, presente em todos os seres humanos. E, essa consciência é fundamental para que a mesma não seja exercida pela sombra. Assim, quando um crime for cometido contra a vítima (ou seus familiares e agregados) sob a vigência da Dinâmica do Coração, Dinâmica de Alteridade, o que se propõe e se pede é o exercício do **Perdão**.

A condição de nos exercermos pelo perdão nos atos de injúria implica uma relação entre ofensor e o ofendido na qual o reconhecimento e a responsabilidade já se estabeleceram. O perdão, quando bem exercido é um fenômeno que decorre de uma certeza oriunda das profundezas do ser. O perdão não é uma atitude egóica, mas do *Self* e reclama por reciprocidade entre o ofensor e o ofendido, entre o ofendido e o ofensor.

O exercício do perdão, restaurativo das relações, condição histórica proposta por Nelson Mandela na promoção de uma política de reconciliação nacional na África do Sul, decorre do pressuposto filosófico do exercício do *Ubuntu*. Mas, mais que tudo, o exercício do perdão implica saber-se **uno com a comunidade**.

*Ubuntu* é uma filosofia africana cujo significado se refere à humanidade com os outros. É um conceito amplo sobre a essência do ser humano e a forma como se comporta em sociedade. Para os africanos, *Ubuntu* é a capacidade humana de compreender, aceitar e tratar bem o outro, ideia semelhante à de amor ao próximo.

*Ubuntu* significa generosidade, solidariedade, compaixão com os necessitados, e o desejo sincero de felicidade e harmonia entre os homens.

***O quarto rito de passagem pede o exercício da dinâmica de Consciência do Encontro, sob a regência do arquétipo da Coniunctio e se ocupa da consumação da paridade!***

O **quinto** rito de passagem reclama pela conjugalidade com o que a convivência com o outro diferente de si demanda o exercício pleno da comunicação.

É tempo de parcerias, de troca de ideias, de informações, de sentimentos, tempo de decisões comuns entre parceiros, entre sócios, entre amigos, tempos de deliberações sobre como estruturar o núcleo familiar. É tempo da manutenção da própria espécie, do firmar-se profissionalmente, do conviver e tornar-se socialmente responsável, por si mesmo, pela família, pela sociedade, pela Terra onde se vive!

O quinto rito de passagem implica diálogos e comunicação com o outro, integridade de propósitos e coerência de valores, fidelidade e lealdade para consigo mesmo e com os demais.

O quinto rito de passagem depende do mais pleno exercício das virtudes dispensadas por Zeus às criaturas, quais sejam: *diké e Aidós, ou seja, justiça plena para com o outro e fazer para o Outro o melhor de si*. Essas virtudes demandam necessariamente estar em relação com o outro e somente assim nos fazemos realmente seres humanos.

Pierre Solié, em seu texto “Mitanálise”, propõe que os primeiros tempos de vida o ser humano considera o outro como propriedade sua e implica um relacionamento “amoroso” de caráter antropofágico; o segundo tempo se traduz por relacionamento amoroso de tipo “caritas”, ou seja, implica cuidar do outro pelo outro mas ainda depende do reconhecimento pelo outro. Somente no terceiro tempo viabiliza-se o amor do *Ágape* sagrado com o ocupar-se do outro mesmo que o outro não saiba ou não reconheça estar sendo cuidado. O terceiro estágio proposto por Pierre Solié tem o mesmo sentido e conotação do conceito de *reto-ação* da mítica hindu.

A Comunicação, quando exercida de forma criativa, pedirá **Congruência** entre o que se fala e o que se faz, bem como **Complacência** para com o outro que ainda não atingiu esse patamar de compreensão.

Quando exercida em sua plenitude maior, a voz do emitente terá competência para vibrar em sintonia com o Outro, criando ressonâncias de apaziguamento.

Assim, manter-se na integridade de propósitos representa um desafio enlouquecedor, pois a tentação por proveitos escusos se faz presente com muita frequência.

A comunicação entre as pessoas é um fenômeno tão complexo quanto inédito por ser continente das mais espetaculares criações humanas, quanto das piores aberrações, motivos de brigas, crimes, guerras.

De outra parte, a comunicação implica poesia, música, beijos e abraços, toques sutis entre almas que se encontram. É inseminadora e fertilizante, criadora que gera criaturas.

A dinâmica da Comunicação necessita ouvir o que o outro fala, incorporando-se desse referencial, fazendo dele instância sua, estruturando-se como decorrência do casamento de suas próprias ideias, falas, pensamentos com as ideias falas e proposições do outro.

A dinâmica da Comunicação pede para lutar pela implantação de realidades decorrentes do casamento de suas próprias demandas com as demandas do outro, quando então, não há mais a minha demanda e a do outro, mas sim a nossa, ou seja, a dinâmica da Comunicação pede que concebamos com o outro filhos dessa transubstanciação!

A dinâmica da Comunicação necessita da elaboração do mais severo dos sete pecados capitais, qual seja, a **arrogância** de supor-se douto criador de soluções. Na realidade somos todos vasos continentes do grande universo do inconsciente coletivo, expressão junguiana para traduzir o campo akáshico, fonte de sabedoria que aguarda que façamos as perguntas para respostas que já estão a nossa espera.

À quinta dinâmica, correlacionada ao quinto chakra, laríngeo, chamei da Comunicação ou do Verbo, pela qual nos tornaremos competentes para falar e ouvir compreendendo a todos e sendo por todos ouvidos e compreendidos, talvez de forma independente do idioma de expressão, uma vez que o entendimento e a compreensão se farão muito mais pela sintonia vibratória e harmônica entre os seres.

Não será significativo o que se fala, mas sim o que se comunica pela vibração dos sons emitidos e recebidos. A palavra, ou qualquer outro tipo de comunicação passam a ter a competência da cura.

A Comunicação, quando exercida de forma criativa, pedirá Congruência entre o que se fala e o que se faz, bem como Complacência para com o outro que ainda não atingiu esse patamar de comunicação/ compreensão.

Quando exercida em sua plenitude maior, não só corresponderá à compreensão do comunicado, mas também a voz do emitente terá competência para vibrar em sintonia com o Outro, criando ressonâncias de apaziguamento.

O dom da fala, atributo da dinâmica da Comunicação, confere ao ser humano um poder assustador, um poder de convencimento, de arrebatrar plateias, de despertar no coletivo o senso da justiça, a demanda pelo empoderamento, a convicção da responsabilidade de querer ser a solução e fazer as mudanças necessárias para o coletivo.

O dom da Palavra é uma dádiva quando exercida com discriminação de propósitos que visem o bem-estar geral, se for proferida sobre os alicerces da ética e usada para acordar o herói adormecido.

A Palavra promove mudanças que a guerra não conquista, alcança profundezas nos escaninhos da psique que nem a ameaça da morte abala, propõe desafios amedrontadores que a alma aceita com tranquilidade.

No sentido simbólico, o dom da Palavra está explicitado, por exemplo, nos relatos de “As mil e uma Noites”, em função da atitude de Sherazade para com o Sultão, bem como da arte maior da heroína em contar histórias (Cordeiro: 2017).

A palavra é um dom que pode promover ações construtivas como pode demover esperanças de transformação. A palavra acolhe como destrói, apascenta como instiga a fúria; envolve, enquanto continente, como invade como se fora um estupro, assustadoramente violento, causando feridas incuráveis, ofendendo a dignidade, mobilizando a vergonha.

O dom da fala tem seu caminho mais espinhoso quando se ocupa em **dizer** o que o outro **precisa** ouvir e **o não dizer** o que o outro **gostaria** de ouvir. Este, suponho, seja o maior desafio para os que se exercem como avatares de um tempo novo, que se apresentam como propositores de milagres transformadores a serem realizados ou desafios instigantes a serem vencidos. Então, o dom da fala se apresenta com a competência mais assustadora para tornar-se propensa ao desenvolvimento sombrio.

A pessoa que se exerce pela dinâmica da Comunicação, por seus aspectos sombrios, constata o quanto tem de competência para atrair adeptos e defensores. Como decorrência, tendo suas demandas narcísicas satisfeitas, pela devolutiva dos seguidores, poderá passar a apregoar soluções de caráter populista em que, como exemplo, os direitos pelo usufruto da dependência monetária, por trabalhos não executados, tornam-se a regra.

Assim, manter-se na integridade de propósitos representa um desafio enlouquecedor, pois a tentação por proveitos escusos se faz presente com muita frequência. O uso abusivo da dinâmica da Comunicação mobiliza, (em grande parte) nas pessoas, o que cada um tem de demanda pelo “paraíso perdido”, ou seja, de manter-se como um eterno *puer* alimentado pelas regalias de um Estado, ao qual tenha sido atribuído a condição de ser um eterno provedor.

A comunicação também pode carregar-se da intencionalidade de seduzir, envolver, enganar. Quando a palavra do comunicador se encontra povoada de persuasão e convencimentos, certamente precisa do casamento entre a fala emitida com o ouvido que escuta. Mas, para tanto, é necessário que tanto quem fala como quem escuta, estejam ambos povoados pelas demandas de ganhos secundários.

A dinâmica da Comunicação quando exercida segundo o contexto anterior, configura comportamento criminoso, ofensivo e injuriante para com o coletivo. O uso abusivo da Palavra perverte a relação e torna o encontro entre as pessoas corrompido. O uso pervertido da dinâmica da Comunicação leva à falência do sistema, das famílias, da sociedade civil e à falência do Estado de Direito.

A comunicação é fenômeno complexo quanto inédito, continente das mais espetaculares criações humanas, quanto das piores aberrações, motivos de brigas, crimes, guerras.

As ideias, quando promulgadas, têm em seu reclamo primordial o anseio do reconhecimento, demandando ser autenticada e qualificada pelo mérito da criação, e necessita que o Outro lhe conceda a honorabilidade pelo feito.

De outra parte, a comunicação implica poesia, música, beijos e abraços, toques sutis entre almas que se encontram. É inseminadora e fertilizante, criadora que gera criaturas.

A condição de ouvir o outro, num processo de análise, tem mais a ver, no meu entender, com as vibrações emitidas pelo cliente do que com o realmente verbalizado. Falar e ser entendido, ouvir e compreender, acolher e ser complacente com o outro demandam coerência, generosidade, continência, integridade e ética. Entretanto, o processo analítico pode ser palco de muitas mazelas. Quando o fenômeno do encontro ocorre entre o analista que fala tão somente o que o cliente deseja ouvir, a sombra torna-se constelada. O dom transformador da palavra naufraga na *solutio* que encharca. Cliente e analista se aplaudem e o incesto se faz instaurado.

A expressão comunicadora poderá ser dialogal entre a fala que expressa um conteúdo inédito e alcança o ouvido que escuta e se deslumbra, se encanta, se comove, se sabe compreendido e tantas outras emoções que as palavras causam.

A expressão comunicadora poderá ser proposta pela música que o Um executa e que o ouvido do Outro ouve e sente despertar em si saudade, tristeza, alegria, medo, reverência, estranhamento, coragem, e tantas outras emoções que as músicas podem causar. Ou a expressão poderá ser proposta pelo corpo em movimento, em dança, em êxtase, em súplica, e que atinge o olho que enxerga um pedido para ser tocado, acolhido. Também a expressão poderá ser proposta pela pintura, pelo filme, pelas fotos, e que ao povoarem os olhos, preenchem-no de imagens, expressão da beleza ou do terrível. A expressão comunicadora poderá ser proposta pelos perfumes emanados, que impregnando os receptores olfativos do outro, mobilizam memórias agradáveis ou sofridas. Como também a expressão comunicadora poderá advir dos sabores que trazem de volta momentos da infância, de figuras parentais e suas manifestações de ternura. Ou advir de toques, carícias evocadoras de momentos dramáticos assustadores ou deliciosamente mágicos.

A dinâmica da Comunicação, atributo singularmente atualizado pelos seres humanos, confere um poder de comando, como também confere certezas e esperanças de mudança, a par de explicitar as decepções e amarguras diante do que a criatura tem de mais sórdido, mais degradante e sombrio.

O quinto ritual de passagem exercido sob a vigência da dinâmica de consciência da Comunicação, sob a regência do arquétipo do *Verbo encarnado* é o que melhor expressa o processo de humanização por traduzir em falas (faladas, escritas, poéticas, cifras musicais, imagens, gesticulações) o que a criatura pensa e reflete sobre o refletido, o que tem de ideias e o que com elas constrói, o que sente e como sofre, o que a emociona e se traduz em vibrações epifânicas. Enfim, **a comunicação é a marca indelével do ser humano e do como se fazer humano!**

Assim, a comunicação se fará pelos mais diversos canais, mas, inegavelmente, a Palavra é o veículo primeiro que mais atinge, mais convence e seduz, hipnotiza e arrebatada a alma dos que se sentem principalmente abandonados, incompreendidos, mal-amados, levando aos ouvidos de quem ouve algum comando de ordem.

A dinâmica da Comunicação, atributo singularmente desenvolvido pelos seres humanos, confere um poder de comando, como também confere certezas e esperanças de mudança, a par de explicitar as decepções e amarguras diante do que a criatura tem de mais sórdido, mais degradante e sombrio.

A comunicação é o que melhor expressa o processo de humanização por traduzir em falas (faladas, escritas, poéticas, cifras musicais, imagens, gesticulações) o que a criatura pensa e reflete sobre o refletido, o que tem de ideias e o que com elas constrói, o que sente e como sofre, o que a emociona e se traduz em vibrações epifânicas. Enfim, a comunicação é a marca indelével do ser humano e do como se fazer humano!

32

Para ilustrar cito abaixo falas de grandes líderes que marcaram os tempos de glória ou a sensação de derrota:

1. *“I have a dream!”* – (frase do discurso de Martin Luther King Jr., em 28 de agosto de 1963, nos degraus do Lincoln Memorial, em Washington DC) e todos quantos sonharam um dia com tratamento igualitário, para as mais diferentes cores de pele, regozijaram-se por terem sido sonhados por alguém que falava a língua deles!
2. *“Nós somos as pessoas pelas quais esperávamos. Nós somos a mudança que buscamos.”* Discurso de Campanha do Presidente Barack Obama, em 2008. (Dione, Jr & Reid: 2017)
3. *“De tanto ver triunfar as nulidades; de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da*

*virtude, a rir-se da honra e a ter vergonha de ser honesto.*” (trecho do discurso parlamentar proferido no Senado da República por Rui Barbosa em 1914).

*O quinto rito de passagem sob a condução da  
dinâmica de consciência da Comunicação, sob a regência  
do Verbo Encarnado expressa e se ocupa  
com o casamento de atos e de ideias!*

O **sexto** rito de passagem emerge veiculado por reflexões e constatações sobre a demanda da necessidade de afastar-se da pessoalidade da família, do casamento, do trabalho, dos filhos, da sociedade.

O sexto rito de passagem pede introspecção, recolhimento, pede o exercício da reflexão mais profunda sobre suas próprias ideias, sobre o quanto se exerceu pela reto-ação, avaliando-se sobre o que aprendeu com a Vida, o que descobriu como verdade soberana, se realmente alcançou o entendimento de que a fala falada como a fala silenciosa deve ser o mais poderoso instrumento de conciliação, de paz, de aconchego, e de transmitir a Verdade, alicerçada na Ética, imbuído da consciência de que o processo de individuação está a caminho.

O sexto rito de passagem vivido sob a dinâmica de consciência da Vidência ou Antevisão do Futuro, sob a regência do arquétipo da *Profecia* ou do(a) Velho(a) Sábio (a) retrata a proposição da existência de diferentes possibilidades de um vir a ser, que depende de escolhas feitas em momentos cruciais nos quais se deixa a condição de um porvir provável para um diferente futuro possível.

Momentos cruciais traduzem-se, na realidade de todos nós, como desafios nos quais o risco de vida (de si mesmo, do filho, do amado) é iminente, seja

por conta de processos físicos ou psíquicos; ou por condições de perdas catastróficas com vivências de extrema solidão e desamparo; ou por realidades invasivas com perda de autonomia e liberdade; ou quando o outro de nós é roubado, sequestrado, abusado...

Momentos cruciais mobilizam angústias, ativam feridas da alma, desencadeiam medos antigos, desorganizam a vida e pedem soluções imediatas, apesar de não as encontrarmos.

Todavia, esses momentos também despertam a fé e demandas por constrictão, bem como evocam memórias de nossos ancestrais crentes no poder das orações.

E, eis que os “milagres” acontecem trazendo-nos a certeza de que as transformações quanto a diferentes futuros possíveis despertam como realidades, talvez, nunca antes cogitadas pela consciência. A física quântica afirma que diferentes futuros possíveis aguardam por serem despertados no momento presente em que os desejarmos, expressando a realidade do novo ser nascituro no qual nos tornaremos, ou já nos tornamos! Já somos então o futuro possível e distanciados nos sentimos do futuro provável que seríamos.

Interessante atentar para o quanto de reclamações emergem no seio de uma dinâmica familiar quando um de seus componentes, em processo de análise, apresentando as modificações decorrentes de suas epifanias analíticas, ouve: “Você está muito diferente! Já não é mais o mesmo! Que aconteceu consigo? Parece que não o reconheço!”

E, então, quando se atenta para memórias passadas, que são, na realidade, muito recentes, as pessoas se sentem tão distantes do que foram, por diferentes se sentirem, assustadas com o que faziam, consentiam ou deixavam passar, sem contestações.

Quer me parecer que o processo de individuação é uma demanda imperiosa pela instauração de um futuro possível diferente do provável, futuro esse adormecido nos escaninhos da psique e que aguarda a emergência da revelação!

Ao vivermos o sexto rito de passagem tornamo-nos videntes, permeados por um padrão de inteligência noética que nos torna cada vez “mais humanos”, seja por incitar-nos a ser a solução dos conflitos, como a nos compelir para realizar as mudanças, mas, mais que tudo, pela emergência imperiosa do processo de individuação clamar por se atingir o autoconhecimento, meta maior do fenômeno da humanização.

Assim, autoconhecimento implica assumir por inteiro e intensamente a demanda de saber e de ocupar-se do Outro, **em si mesmo**. Esse Outro subjetivo, muitas vezes depositário de projeções, as mais sombrias, necessita ser conhecido e reconhecido como instância da própria pessoa, em seu mais profundo processo reflexivo.

Assim, para traduzir uma expressão transformadora do desenvolvimento do padrão de consciência para atingir-se a plenitude da condição humana, haveremos de alcançar um quociente de inteligência que traduza a síntese da condição intelectual, com a emocional e a espiritual, e expressasse o ser em sua plenitude maior, ou seja, **ocupado com a redenção do outro em si mesmo**.

A dinâmica da Vidência e sua competência para divisar possíveis diferentes futuros está intimamente ligada ao poder da prece e sob a regência do “efeito Isaias” que propõe como oração mais poderosa aquela que mentaliza um futuro diferente do provável e que já é realidade, pois, despertado se fez pelo desejo inquebrantável da fé.

A sexta dinâmica de consciência, correspondente ao sexto chakra, frontal ou do terceiro olho. Chamei de Dinâmica da Vidência ou da Antevisão do Futuro, a qual nos habilitará para divisarmos as demais dimensões do Universo, além das três dimensões do espaço já conhecidas e descritas.

Momentos míticos de antevisão do futuro estão relatados, por exemplo, no encontro de Tirésias, por ter recebido a dotação de vidência de Zeus, após ter se tornado cego, por ingerência de Hera. O “castigo” da cegueira era uma forma de levá-lo a refletir sobre realmente sobre o que poderia e necessitava ver em si mesmo. Assim, quando Tétis o procurou para saber de Aquiles, respondeu: “*ele viverá por muitos anos se mantiver-se como um simples camponês ou longe das batalhas*”, ou quando Liríope quis saber de Narciso: “*ele viverá se não se vir*”.

A mensagem primorosa do relato mítico reside na proposição da existência de diferentes possibilidades de um vir a ser, que depende de escolhas feitas em momentos cruciais nos quais se deixa a condição de um porvir provável para um diferente futuro possível.

A dinâmica da Vidência e sua competência para divisar possíveis diferentes futuros está intimamente ligada ao poder da prece e sob a regência do “efeito Isaias” que propõe como oração mais poderosa aquela que mentaliza um futuro diferente do provável e que já é realidade, pois, despertado se fez pelo desejo inquebrantável da fé.

Todavia, para alcançarmos um futuro diferente do provável precisaremos ser numa nova Ética instituída e fundamentada, no meu entender, em quatro princípios, quais sejam:

- no **Fogo** da mais profunda consciência reflexiva que nos intima a refletir sobre assumir a responsabilidade por tudo quanto nos cerca, pois tudo tem a ver conosco;
- na **Techné** mais inventiva que somos e temos para mudar nosso momento histórico;
- na **Diké** como consciência plena do senso de Justiça para todos e com todos;

- na **Aidós** que nos conduz para realizarmos e fazermos o que somos de melhor para o Outro, quem quer que ele seja e para o bem comum

Assim sendo, próximos estaremos da sétima morada, da sétima dinâmica de consciência e lá nos aguarda a cerimônia ritualística da *coniunctio* com a divindade, segundo pressuposto de Teresa D'Ávila (1981), ou a cerimônia ritualística da *coniunctio* com o *Self*, segundo as proposições de Jung, com o que o autoconhecimento se faz, meta maior do processo de individuação.

Há que lembrar não terem as diferentes dinâmicas um caráter sequencial, pois podem ocorrer, tanto a quinta como a sexta e a sétima, numa condição eventual, expressando momentos de sabedoria não inteligíveis para quem os enuncia. A fixação defensiva em qualquer uma delas é possível, e pode impedir o caminhar para o *Self*. Vidência implica antevisão de futuro e configura a melhor e a maior oportunidade para divisarmos o caminho para a individuação.

E, eis que os “milagres” acontecem trazendo-nos a certeza de que as transformações quanto a diferentes futuros possíveis despertam como realidades, talvez, nunca dantes cogitadas pela consciência. A física quântica afirma que diferentes futuros possíveis aguardam por serem despertados no momento presente em que os desejarmos (Braden: 2017) expressando a realidade do novo ser nascituro no qual nos tornaremos! Já somos então o futuro possível e distanciados nos sentimos do futuro provável que seríamos.

Interessante atentar para o quanto de reclamações emergem no seio de uma dinâmica familiar quando um de seus componentes, em processo de análise, apresentando as modificações decorrentes de suas epifanias analíticas, ouve: “Você está muito diferente! Já não é mais o mesmo! Que aconteceu consigo? Parece que não o reconheço!”

E, então, quando se atenta para memórias passadas, que são, na realidade, muito recentes, as pessoas se sentem tão distantes do que foram, por

diferentes se sentirem, assustadas com o que faziam, consentiam ou deixavam passar, sem contestações.

Ao atualizarmos a sexta dinâmica de consciência em nosso processo existencial tornamo-nos videntes, permeados por um padrão de inteligência espiritual que nos faz cada vez “mais humanos”, seja por incitar-nos a ser a solução dos conflitos, como a nos compelir para realizar as mudanças!

A sexta dinâmica de consciência, como todas as demais, em sendo uma condição arquetípica, sofre com os percalços da sombra. “Videntes” são consultados por pessoas que buscam respostas para seus conflitos e demandas, como também são consultados pelos buscadores de benesses eleitoreiras. Todavia, nenhum consulente pergunta sobre o que precisa fazer para não mais ser o conflito ou que plano de ação deverá compor e executar para tornar-se merecedor do futuro ensejado.

Assim sendo, próximos estaremos da sétima morada, da sétima dinâmica de consciência e lá nos aguarda a cerimônia ritualística da *coniunctio* com a divindade, segundo pressuposto de Teresa D’Ávila, ou a cerimônia ritualística da *coniunctio* com o Self, segundo as proposições de Jung, com o que o autoconhecimento se faz, meta maior do processo de individuação.

A competência para transitarmos por entre essas dimensões será realidade a se alcançar. Tanto a quinta Dinâmica como a sexta confere a quem as conquistam um poder fabuloso que dificulta, em muito, o confronto com a Sombra e representa uma defesa de acomodação, pela retomada do exercício do poder por elas conferido. A própria Teresa D’Ávila relata em seu texto (1981) as dificuldades crescentes que a alma experimenta à medida que avança pelas moradas do castelo. Essas duas dinâmicas representam grandes dificuldades no sentido do conseguimento do processo de individuação.

O crime, ofensa, injúria, quando cometido sob a vigência da Dinâmica da Visão e/ou da Vidência pede **Temperança** para consigo mesmo no sentido de não titubear diante das demandas do *Self*, tendo determinação contínua e constante para não se perder da meta maior.

A Dinâmica da Vidência enseja a possibilidade de antever diferentes futuros possíveis, ampliando sobejamente a compreensão das variantes do processo de individuação a ser atualizado.

*O sexto rito de passagem ocorre sob a sexta dinâmica  
de consciência regida pelo arquétipo  
do Velho(a) Sábio(a), expressa e se ocupa da antevisão do futuro!*

A sétima Dinâmica de Consciência, realmente de caráter Cósmico ou de Totalidade, corresponde ao sétimo chakra, coronário (Sahasrãra), e representa a condição plena da conquista do processo de individuação. Proponho que seja chamada de dinâmica da **Compreensão Universal**. Ela confere a consciência plena de sermos unos com o Outro e responsáveis para que o Outro também alcance essa plenitude.

39

O **sétimo rito** de passagem, ou seja, tempo da Compreensão Universal, sob a regência do arquétipo da *Totalidade comporta a arte de aceitar que somente com a morte literal experimentaremos um tempo inédito de vida.*

É tempo do desapego, tempo de preparar-se para a partida, tempo de perdoar-se por não ter atingido a meta almejada, tempo de se despedir dos que ficam, lembrando que o afastamento é temporário, tempo de purgar as mágoas.

O sétimo rito de passagem implica o preparo para a morte **literal**.

O crime quando cometido sob a vigência da **Dinâmica da Compreensão Universal** implica trair o processo de individuação, negando-se a caminhar, por escolha, para o *Self*.

Quando uma injúria é praticada por qualquer um e o sujeito toma conhecimento do fato, ele torna-se parte do processo e, para tanto, responsável pelo cometimento da injúria.

A consciência de ser responsável pela injúria cometida o faz partícipe do processo uma vez que o sujeito e o Universo são Unos.

Assim, a necessidade de restaurar a harmonia se apresenta e, para tanto, necessário se faz que o sujeito, também responsável, como partícipe do crime, renda-se ao *Self*, e possa perdoar-se a si mesmo bem como ao outro, amando-se a si mesmo e ao outro, apesar do cometimento da injúria e, purificando-se da desarmonia que o avassala, concorrendo para que a harmonia no outro se (re)instaure.

Purificar-se implica cuidar do outro em si mesmo. Dessa forma, quando um crime for cometido nessa dinâmica, o que se pede é ter e ser **Amor**, Amor pelo outro e por si mesmo (proposição inspirada pelo Ho'oponopono).

Há de convir que, quando estivermos sob a vigência plena da Dinâmica do Encontro, com seus pressupostos de Reconhecimento da ação e Responsabilidade pelo ato cometido, nos exercendo pela consigna do Perdão, trabalhando por um bem maior; e, quando estivermos sob a vigência da dinâmica da Comunicação ou do Verbo tendo congruência entre o que fala e o que faz, sendo complacente com o outro; e, quando nos mantivermos diligentemente na atividade de trabalho e determinação para não nos perdermos da meta maior, então alcançaremos a Dinâmica da Compreensão Universal.

Ao alcançá-la, cientes de seus pressupostos de reconhecer-se e saber-se responsável pela injúria cometida por quem quer que seja, e por nos sabermos e nos tornarmos *Unos com a Totalidade*, nos exercendo pelo Amor ao Outro, vibrando e mentalizando o restabelecimento da harmonia, os fenômenos de guerra, fome, violência, conquista do poder e tantas outras aberrações cometidas pelos desvarios de nossa condição primordial, arquetípica, não humanizada, terão realmente findado!

Alcançar a plenitude da Dinâmica da Compreensão Universal nos tornará totalmente humanos, desapegados das posses, por nos sabermos perecíveis, cômicos de que viemos da Terra e a ela retornaremos.

A transcendência tão desejada de sermos na Unidade não significa ultrapassar a humanidade.

Transcender será superar nossa condição arquetípica primordial para nos tornarmos a plenitude da condição humana, alcançando a inteireza do ser, sem as cisões e desvios, sem as intempestividades de Posídon, sem as demandas de vinganças das Fúrias; sem a rigidez de Apolo e a astúcia artilosa de Hermes; sem a ânsia de poder dos “Zeuses”, que se intitulam divinos, sem a sede guerreira das Atenás e dos Ares e sem tantas outras condutas arquetípicas que nos compõem.

A proposição de sete dinâmicas de consciência para compor, em caráter pleno, a consecução do processo de individuação, configura para mim, uma demanda imperiosa de certezas e convicções de que o fenômeno do autoconhecimento se realiza em função dos caminhos necessários a serem percorridos por estas etapas do desenvolvimento. A busca do autoconhecimento implica ocuparmo-nos contínua e constantemente de nossas mazelas e purificarmo-nos em função dos cuidados prestados ao outro em nós.

Quando Moises convocou o povo judeu para sair do Egito, onde se mantinha na condição de escravo, e caminhar para o encontro com Deus, buscando pela terra prometida, o fenômeno tornou-se conhecido como “*Exodus*”, ou seja:

**deixar o lugar estreito onde não se cabia mais.**

Estamos realizando um novo Exodus quando caminhamos para a Dinâmica Universal, inspirados pela condição precípua do Amor e da aceitação plena do outro, quem quer que ele seja, sem condenações. Aceitar o outro sem avaliações condenatórias implica acolhermo-nos por inteiro.

A realização deste novo “Exodus” significa nos tornarmos livres.